

**A INTERAÇÃO DISCURSIVA DE BASE DIALÓGICA:
UMA REFLEXÃO TEÓRICA****DIALOGIC-BASED DISCOURSE INTERACTION:
A THEORETICAL REFLECTION****EL INTERACCIÓN DISCURSIVA DIALÓGICA:
UNA REFLEXIÓN TEÓRICA**

Karine Viana Amorim¹
Manassés Morais Xavier²

RESUMO

O que é interação? Como pensar a interação a partir de uma base dialógica? Como pensar a interação sob um viés discursivo? Essas são perguntas que norteiam o presente estudo que parte do seguinte objetivo: situar, do ponto de vista teórico, o conceito de interação para a Teoria Dialógica da Linguagem, do Círculo de Bakhtin. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica focada, sobretudo, em duas frentes: uma que situa a perspectiva dialógica da linguagem e outra que, de forma específica, apresenta o conceito de interação discursiva que ampara o lugar teórico do pensamento bakhtiniano e do Círculo como um todo. Teoricamente, os resultados do estudo empreendido sinalizam que: 1) à compreensão da linguagem como um fenômeno de interação discursiva, isto é, uma prática orientada para o outro, como também, para a vida verboideológica; e 2) ao reconhecimento da concepção de interação como um terreno fértil para se estudar o exercício de ler e de responder a enunciados filiados aos mais diferentes campos da comunicação discursiva.

Palavras-chave: Teoria Dialógica da Linguagem; Interação Discursiva; Enunciado Concreto; Vida Verboideológica.

ABSTRACT

What is interaction? How can we think about interaction from a dialogical perspective? How can we think about interaction from a discursive standpoint? These are the questions that guide this study, which aims to situate, from a theoretical point of view, the concept of interaction within the Dialogic Theory of Language of the Bakhtin Circle. This is a bibliographic research focused primarily on two fronts: one that situates the dialogic perspective of language and another that, specifically, presents the concept of discursive interaction that supports the theoretical place of Bakhtinian thought and the Circle as a whole. Theoretically, the results of the study indicate that: 1) language is understood as a phenomenon of discursive interaction, that is, a practice oriented towards the other, as well as towards verboideological life; and 2) the conception of interaction is recognized as fertile ground for studying the exercise of reading and responding to statements affiliated with the most diverse fields of discursive communication.

¹ Doutoranda em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG), Universidade Federal de Campina Grande, <https://orcid.org/0000-0002-1018-1728>, karinevianaufcg@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG), <https://orcid.org/0000-0002-2628-8183>, manasses.morais@professor.ufcg.edu.br.

Keywords: Dialogic Theory of Language; Discursive Interaction; Concrete Utterance; Verbo-ideological Life.

RESUMEN

¿Qué es la interacción? ¿Cómo podemos pensar la interacción desde una perspectiva dialógica? ¿Cómo podemos pensar la interacción desde un punto de vista discursivo? Estas son las preguntas que guían este estudio, que busca situar, desde un punto de vista teórico, el concepto de interacción dentro de la Teoría Dialógica del Lenguaje del Círculo de Bakhtin. Esta es una investigación bibliográfica centrada principalmente en dos vertientes: una que sitúa la perspectiva dialógica del lenguaje y otra que, específicamente, presenta el concepto de interacción discursiva que sustenta el lugar teórico del pensamiento bajtiniano y del Círculo en su conjunto. Teóricamente, los resultados del estudio indican que: 1) el lenguaje se entiende como un fenómeno de interacción discursiva, es decir, una práctica orientada hacia el otro, así como hacia la vida verboideológica; y 2) la concepción de interacción se reconoce como terreno fértil para estudiar el ejercicio de leer y responder a enunciados afiliados a los más diversos campos de la comunicación discursiva.

Palabras clave: Teoría Dialógica del Lenguaje; Interacción Discursiva; Enunciación Concreta; Vida Verbo-ideológica.

INTRODUÇÃO

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.). (Volóchinov, 2017 [1929], p. 204-205, grifos do autor).

O que é interação? Pergunta que exige um compromisso. Como pensar a interação a partir de uma base dialógica? Como pensar a interação sob um viés discursivo? Outras perguntas que encaminham ainda mais compromisso. Isto é, essas e outras perguntas encontrarão possibilidades de respostas na discussão do presente artigo, cujo objetivo se estabelece por situar, do ponto de vista teórico, o conceito de interação para a Teoria Dialógica da Linguagem, do Círculo de Bakhtin.

Para tanto, metodologicamente falando, este texto é resultado de uma pesquisa bibliográfica. Na visão de Oliveira (2010, p. 69), no âmbito de uma abordagem qualitativa e de natureza interpretativa, tal tipologia de pesquisa se define por, de modo pontual, se constituir em “[...] uma modalidade de estudo e análise de documentos

de domínio científico. [...] levando o pesquisador a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo”.

Partimos da essência que enuncia a epígrafe presente nesse trabalho. A discussão empreendida por Volóchinov (2017 [1929]) oferece visibilidade ao uso social da linguagem. Para o autor, a reflexão sobre a natureza sociológica da língua(gem) reconhece o lugar da interação como centro de valores. Isso implica dizer que a palavra, entendida como uma possibilidade de linguagem, é fruto de um sistema linguístico, mas que só atinge “sopro de vida” quando se considera a sua orientação social, quando inserida entre falantes, entre sujeitos socialmente organizados e preenchidos por ideologias, por axiologias.

Volóchinov (2017 [1929]) nos apresenta que, na verdade, o uso da palavra ocorre em função de efeitos de interação erguidos a partir das relações interpessoais, dos laços sociais que especificam os movimentos da palavra em sintonia com o horizonte social a que se origina e a que se destina.

Para desenvolver tal propósito, o texto está organizado sob duas grandes frentes: uma que situa a perspectiva dialógica da linguagem e outra que, de forma específica, apresenta o conceito de interação discursiva que ampara o lugar teórico do pensamento bakhtiniano e do Círculo como um todo.

Passemos à leitura da primeira frente que subsidia a ancoragem conceitual desta investigação bibliográfica.

O OLHAR DIALÓGICO PARA A LINGUAGEM

Para tratarmos da concepção de linguagem que a entende como dialógica, partimos de uma colocação bakhtiniana, a nosso ver, muito elucidativa:

A língua, como o meio concreto vivo habitado pela consciência do artista da palavra, nunca é única. Só é única como sistema gramatical abstrato de formas normativas, desviada das assimilações ideológicas concretas que a preenchem e da contínua formação histórica da língua viva. A vida social viva e a formação histórica criam no âmbito de uma língua nacional abstratamente única uma pluralidade de universos concretos, de horizontes verboideológicos sociais e fechados. Os elementos fechados e abstratos da língua no interior desses diferentes horizontes são completados por conteúdos semânticos e axiológicos e soam de modo diferente. (Bakhtin, 2015 [1930], p. 63).

Diante dessa citação de Bakhtin, é possível depreendermos algumas assertivas, segundo Xavier e Almeida (2020) elencam:

- Primeiramente, o filósofo russo nos orienta a conceber a língua(gem) a partir do uso localmente situado em um meio concreto vivo. Nesses termos, é preciso abandonar uma compreensão de língua(gem) enquanto um sistema autônomo e homogêneo de combinações supraindividuais;
- O entendimento que reconhece a unicidade da língua refere-se a uma abordagem fortemente influenciada pela corrente do objetivismo abstrato, cujos interesses abastecem, conforme o autor, a uma organização gramatical abstrata, sem vida e emoção, de formas normativas;
- A linguagem – e, consequentemente, a língua lida por nós neste trabalho como um exemplo de manifestação de linguagem – não pode ser divorciada, desalinhada, de recorrentes assimilações ideológicas concretas inseridas na vida social e na sua formação histórica; e
- É o universo de processos de interação discursiva que, conforme nosso entendimento, proporcionará ao uso da linguagem atingir horizontes verboideológicos sociais e fechados: fechados no sentido de situados em contextos específicos de comunicação e de interação social, ou seja, de vida efetiva/concreta de linguagem.

À luz desse olhar, a Teoria Dialógica da Linguagem contribuiu para uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana e seus estudos. Segundo Brait (2012), a busca da compreensão das formas de produção de sentidos, da significação e as diferentes maneiras de compreender o funcionamento discursivo foram fatores que impulsionaram Bakhtin e o Círculo na direção de uma estética e de uma ética da linguagem, fazendo com que suas reflexões sobre o sentido não sejam sistematizadas, unicamente, sob uma abordagem linguística ou mesmo linguístico-literária.

Nesses termos, o que é dito sobre linguagem nos trabalhos de Mikhail Bakhtin e do Círculo não está comprometido, apenas, com uma tendência linguística ou uma teoria literária, mas com algo maior: “[...] uma visão de mundo que, buscando formas de construção e formação de sentido, resvala pela abordagem linguístico-discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura” (Brait, 2011, p. 88) e, também, por um conjugado de aspectos entrelaçados “[...] e ainda não inteiramente decifrados”.

Sobre os estudos bakhtinianos, Brait (2004, p. 11) ainda diz que

[...] a natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto de obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico. (Brait, 2004, p. 11).

Esta colocação põe em vista a postura que toma os trabalhos do filósofo russo, nos quais se notam a atualização dos sentidos dos signos, enunciados, conforme a necessidade em que eles se apresentam. Isto coloca em prática o que se conhece sobre a heterogeneidade constitutiva da linguagem.

Acentuando a ideia da linguagem como heterogênea, nota-se que

[...] a concepção de diálogo de Bakhtin é constitutiva da linguagem enquanto fenômeno heterogêneo, não entendido como uma conversa entre duas pessoas, mas pela leitura e escrita compreendidas enquanto formas de produzir sentidos possíveis e previsíveis no texto, como um tipo de diálogo. Tal heterogeneidade deve ser levada em conta quando nos referimos a interação, enquanto comunicação verbal entre os humanos; essa comunicação tem um caráter não linear da informação, não há uma direção única de emissor (escritor/autor) e receptor (leitor/autor), mas um caráter dialético. (Rotavva, 1999, p. 157).

Os escritos de Mikhail Bakhtin, bem como do Círculo, demonstram a natureza constitutivamente dialógica da linguagem, que deixa claro que o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre regular (entende-se regular como harmonioso) que existe entre os variados discursos que configuram uma sociedade no geral. Pode-se entender que o dialogismo também diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, assim como elucida Bakhtin (2016 [1952-1953]).

Em **Marxismo e filosofia da linguagem**, de Volóchinov (2017 [1929]), vê-se a dedicação à linguagem em geral e, por esse aspecto, nota-se também o interesse pelas características e formas do intercurso (comunicação) social pelo qual o significado é realizado, centrando a ideia de que a linguagem não é falada no vazio, mas dentro de determinados contextos de situação histórica e social concreta, que admitem, portanto, atualizações dos enunciados.

Isto pode ser comprovado pelo que é dito por Volóchinov (2017 [1929]) no livro supracitado, no que tange à afirmativa de que todo enunciado real possui um ou vários sentidos e as palavras assumem significações diversas em função do contexto enunciativo.

Nessa linha de pensamento, Medviédev (2012 [1928]) ensina-nos que o sentido das palavras, das ações, das vestes, das linguagens como um todo efetiva-se quando inserido no campo das ideologias. Logo, o sentido é, por natureza, ideológico.

Não importa o que a palavra signifique, ela estabelece uma ligação entre os indivíduos de um meio social mais ou menos amplo, ligação objetivamente expressa em reações unificadas das pessoas por meio da palavra, do gesto, da ação, da organização etc. [...] A comunicação é aquele meio no qual um fenômeno ideológico adquire, pela primeira vez, sua existência específica, seu significado ideológico, seu caráter de signo. (Medviédev, 2012 [1928], p. 50).

Tais colocações do teórico e historiador da literatura apresentam um panorama conceptivo a respeito da relação linguagens, ideologia e sentido que nos fazem perceber a interferência entre usos da palavra e mundo concreto, entre interações sociais e tarefas imediatas, ou seja, entre interação e discursos ideologicamente situados no mundo. Isso porque, conforme o estudioso, o significado - a compreensão - é, absolutamente, inseparável dos detalhes do corpo material que o/a encarna.

Explicitado de outra forma:

É necessário o estabelecimento de diferenças precisas e concretas entre as diversas ideologias: ciência, arte etc. Entretanto, essa diferenciação não deve ser feita em termos do seu significado abstrato, tal como fez a “filosofia da cultura” idealista, mas sim, por um lado, a partir do ponto de vista das formas da sua realidade concreta e material, e, por outro, de suas significações sociais, que se realizam nas formas de comunicação concreta. (Medviédev, 2012 [1928], p. 54, grifos do autor).

Com base nessas reflexões, trataremos, de modo específico, do conceito de enunciado concreto, também trabalhado no tópico seguinte deste artigo. Indiscutivelmente, o intercâmbio entre sociedade (vida social) e interação (vida verboideológica e, portanto, discursiva) fundamenta os pressupostos da Teoria Dialógica da Linguagem, sobretudo, quando se pensa na noção de enunciado adjetivado de concreto.

Sob essa ótica, observa-se que todo enunciado exige a presença simultânea de um locutor e de um ouvinte para que seja realizado e toda expressão linguística é sempre dirigida em direção ao outro, o possível ouvinte, mesmo quando este se encontra ausente

fisicamente, como é dito por Volóchinov (2017 [1929]), havendo a presença da relação dialógica entre as enunciações, sejam elas precedentes e/ou vindouras.

Diante do que foi exposto até o momento, pode-se interpretar que a linguagem, a partir de um olhar dialógico, não é imóvel, mas produto da vida social que se realiza em comunicações verbais, elaborando diferentes tipos de enunciados de modo a corresponder as mais variadas situações sociais.

Brait e Melo (2012) mencionam que, a “*grosso modo*, é possível dizer que *enunciado*, em certas teorias, equivale a frase ou a sequências frasais”, mas em outras, o enunciado assume um ponto de vista pragmático, e “é concebido como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado” (p. 63, itálicos dos autores). Esse enunciado contextualizado chama-se de concreto e segue para o processo de interação social/discursiva entre os participantes da enunciação.

Cabem, nas definições da Teoria Dialógica da Linguagem sobre enunciado concreto, e necessariamente de enunciação concreta, textos diversos, desde que sejam lidos com o auxílio de outros conceitos, noções e categorias, já que sempre haverá a presença de um discurso dentro de outro. Complementam essa assertiva, nas palavras de Brait e Melo (2012, p. 77), “[...] só podem ser assim compreendidos se considerada a interação em que se deram, com todas as suas implicações, e o contexto mais amplo que os abriga”.

A enunciação, então, reflete a interação discursiva entre locutores e interlocutores, sendo o discurso verbal - e não verbal! - tido como algo “vivo/concreto” quando inserido no processo da comunicação social. Sobre a orientação social do enunciado, é neste ponto em que se encontra refletido o auditório dos discursos verbais. Sem a presença ou a pressuposição dele o ato de comunicação verbal não pode acontecer.

Essa orientação sempre estará presente nos enunciados e, segundo Volóchinov (2017 [1929]), ela “é precisamente uma das forças vivas e constitutivas” que, ao mesmo tempo em que estabelecem o contexto do enunciado, ou seja, a situação, “determinam também a sua forma estilística e sua estrutura grammatical”. Esses aspectos, interação social entre locutor e interlocutor, contexto, orientação social do enunciado, são fundamentais no processo de compreensão de enunciados concretos, dada a perspectiva da Teoria Dialógica da Linguagem.

Esta teoria toma como referência uma concepção de língua(gem) enquanto resultado, não acabado, da vida verbal em contextos específicos de comunicação e de



interação. Nessas condições, pensar em linguagem corresponde a pensar como os enunciados são produzidos em sociedade, cumprindo propósitos comunicativos. Logo, Bakhtin e o Círculo estudam as relações dos enunciados e as produções de sentidos estabelecidas no âmbito da comunicação discursiva. A estas relações, a Teoria Dialógica da Linguagem dá o nome de dialogismo.

Na visão de Bakhtin (2010 [1919-1974]), não há nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (p. 410). O que há, para o autor, é a construção de sentidos não estável, estanque, mas encadeamentos ilimitados de sentidos que serão “relembados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (p. 410).

É, justamente, a essa possibilidade de renovação, de sentidos relembados e atualizados que os estudos bakhtinianos denominam de dialogismo ou concepção dialógica da linguagem. Tal concepção, segundo Sobral (2009, p. 32), “[...] propõe que a linguagem (e os discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas de exercício da linguagem”.

Desse modo, considerando o fator (inter)subjetividades, podemos perceber o dialogismo vinculado à interação. Logo, as relações dialógicas permitem, em eventos de interação social, a linguagem ser vista como concreta, situada em contextos sócio-históricos de comunicação. São estas relações dialógicas condição essencial da linguagem. Elas fazem parte da sua constituição.

Este olhar convoca uma postura metodológica para o estudo da língua(gem) que transcende a natureza corporificada da forma. Para a Teoria Dialógica da Linguagem, as reflexões sobre a linguagem contemplam não apenas o signo linguístico, na proposta difundida por Saussure, por exemplo, mas o signo ideológico, aquele que se banha nas relações sociosubjetivas e se define como uma ponte entre um eu e um outro, isto é, na comunicação verbal concreta, viva e emocional.

Dentro dessa ótica, Volóchinov (2017 [1929], p. 349-350) apresenta a ordem metodológica para o estudo da língua(gem), a saber:

- 1) As formas e os tipos da interação discursiva na sua relação com suas condições concretas;
- 2) As formas dos enunciados ou discursos

verbais singulares em relação estreita com a interação da qual elas são uma parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) Partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 349-350).

Essa ordem metodológica prima por considerar o estudo da língua(gem) por uma perspectiva dialógica que traz para a cena da discussão o uso do sistema linguístico, as situações de linguagem que “povoam” a vida em sociedade, penetrando o curso da comunicação discursiva.

Assim, reconhecendo as interações discursivas concretas e suas ideologias, as enunciações e o hábito das formas linguísticas é possível compreender a natureza dialógica da linguagem, a vida verboideológica da palavra, as suas valorações.

Reconhecida a essência dialógica da linguagem, situamos um conceito muito caro neste trabalho, o de valoração. Há em Bakhtin (2010 [1919-1974], p. 114-115) uma explanação sobre o vivenciamento ativo do eu que, a nosso ver, sintetiza bem a concepção de valoração deste autor, servindo de referência para a nossa discussão neste tópico.

Tendo da minha vivência uma lembrança axiologicamente ativa não da parte do seu conteúdo presente, tomado isoladamente, mas da parte do seu sentido antedado e do objeto, isto é, da parte do que assimilou o surgimento dele em mim, e assim torno a renovar o antedado de cada vivência minha, reúno todas as minhas vivências, reúno a mim todo não no passado mas no futuro eternamente vindouro. (Bakhtin, 2010 [1919-1974], p. 114-115).

Percebemos o quanto esta passagem de **Estética da criação verbal** explica o sentido de valoração e o faz tomando como referência a própria noção de dialogismo. O fragmento nos permite compreender que as axiologias, os pontos de vista ou os valores estão intimamente ligados ao histórico e ao seu evoluir. Em outras palavras, o vivenciamento ativo do eu é sempre uma atividade axiológica; valorar significa, portanto, dar o seu “aroma” às formas de interação discursiva.

Dessa forma, o vivenciamento torna-se lembrança axiológica quando se refere ao caráter dialógico da linguagem. O substantivo *lembraça*, usado por Bakhtin (2010 [1919-1974]), cumpre com o papel de afirmar que há “rastros” de sentidos atravessando as experiências de linguagens dos sujeitos sociais.

O que nos é importante destacar são duas assertivas: a lembrança é uma forma de axiologia e a axiologia é ideológica. Na primeira, é preciso reconhecer que as valorações são vinculadas ao tempo e ao espaço, cronotopia. Daí, a observação bakhtiniana na expressão “lembrança axiologicamente ativa”. Os sujeitos estão sempre implicados, ativos, nestas lembranças axiológicas/valorativas e elas mobilizam tons/apreciações diante dos eventos de interação social, convocando, para tanto, compreensões responsivas que vão ao encontro, ou não, das lembranças axiológicas.

Já na segunda assertiva – a axiologia é ideológica – as valorações possuem uma filiação ideológica historicamente situada e editada pelas pressões sociais a que tais ideologias se relacionam. Logo, a valoração tem o “aroma” e o “sabor” das instituições que determinam as possibilidades de produção de enunciados no circuito das atividades de linguagem.

Na visão de Bakhtin (2015 [1930], p. 66), toda atividade de linguagem como, por exemplo, a manifestação verbal socialmente significativa é determinada por tons axiológicos e “cada dia tem sua conjuntura socioideológica, semântica, seu vocabulário, seu sistema de acento, seus lemas, seu desaforo e seu elogio”.

Dentro desse contexto, ao analista de discursos destina-se o exercício de ler/compreender como os enunciados formadores de gêneros nascem, produzem e reproduzem enunciações nos campos da comunicação discursiva.

A INTERAÇÃO DISCURSIVA DE BASE DIALÓGICA: COMO COMPREENDÊ-LA?

Na perspectiva dialógica da linguagem, não há como não levar em consideração, na busca pela compreensão de todo e qualquer fato linguístico/discursivo, o efeito social que organiza os propósitos comunicativos, isto é, os usos da linguagem. Segundo a Teoria Dialógica da Linguagem, há uma orientação que difunde o reconhecimento do fenômeno social no âmbito da vida verbal, bem como não verbal.

A palavra é uma espécie de “cenário” de certo acontecimento. A compreensão autêntica de um sentido global deve *reproduzir* este acontecimento da relação recíproca dos falantes, “representar-lhe” outra vez, e o que comprehende adota o papel de ouvinte. Porém para cumprir com este papel deve compreender claramente também as posições de outros participantes. (Volóchinov, 2013 [1926], p. 87, grifos da tradução).

O que nos importa destacar dessa citação é a acentuação dada por Volóchinov (2013 [1926]) a presença do outro quando se pensa na palavra em cenários de acontecimentos. Dito de outra forma: quando se considera a existência de uma sociologia da palavra, se agrupa um olhar para a realidade de que as discussões fonológicas, morfológicas e sintáticas, apenas envoltas em uma postura descritiva de um sistema linguístico, não dão conta desta língua (que é estrutura, de fato) imersa em um acontecimento (que é histórico e exterior à língua) a partir de relações sociais estabelecidas em processos de interação discursiva, conforme Xavier (2023).

Isso implica dizer que cada situação de comunicação, entendida por nós como possibilidade de cenas enunciativas de produção de sentidos, está orientada pelo social. Ela é resultado das necessidades humanas de promover contato, estabelecer responsividades, respostas ao que se está sendo enunciado.

Esse movimento de promoção de contato via linguagem precisa ser tomado em função das demandas ideológicas que preenchem, no tempo e no espaço, os eventos eminentemente sociais de interações: interações discursivamente situadas. Nessas condições, a língua é orientada pelo social.

Para abordar sobre a interação, Volóchinov (2017 [1929], p. 204-205, grifos da tradução) afirma que a expressão-enunciado só pode ser definida pela situação social mais próxima, em que “[...] a palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social. [...] Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado”.

Assim, é no entorno de uma necessidade de comunicação social que a produção de linguagem se efetiva. É no entorno de interações discursivas que a linguagem, dialogicamente, se realiza.

Nessas condições, a linguagem manifesta-se a partir de uma orientação social: “[...] uma daquelas forças vivas organizadoras que, junto com as condições do enunciado (a situação), constituem não somente a sua força estilística, mas até mesmo a sua estrutura puramente gramatical.” (Volóchinov, 2019 [1930], p. 280).

Tendo como respaldo a citação contida no parágrafo anterior, verificamos que o Círculo entende o fenômeno da interação discursiva como forças constituídas pela situação comunicativa que orienta os modos de organização da estrutura gramatical.

Como percebemos, contexto e uso da gramática da língua caminham em atividades complementares. Na verdade, a abordagem dialógica não deixa de reconhecer

as questões relacionadas à base formal da língua. No entanto, investe em uma postura teórico-metodológica que agrega à base estruturada da língua influências de uso da palavra na vida: esta, preenchida por emoções, por situações concretas de necessidades comunicativas, tornando aquela, a palavra, um fenômeno que precisa ser estudado a partir de uma realidade verboideológica, como bem explicita Xavier (2023).

Sendo assim, surge o significado de enunciado concreto: “*a real unidade* da comunicação discursiva – o enunciado.” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 28, grifos do autor). Percebemos o destaque em itálico usado pelo autor não aleatoriamente. O filósofo russo nos inclina a ler a dimensão do conceito de enunciado como mergulhado no fluxo discursivo das interações.

Desse conceito, é possível entender que o discurso é sempre fundido em formas de enunciados pertencentes a determinados sujeitos do discurso e fora dessa realidade o enunciado, visto como concreto, não pode existir. “O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro [...]” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 29).

Portanto, ainda de acordo com Xavier (2023), tal pensamento de Bakhtin coloca no centro da discussão o entendimento de que o enunciado é concreto por:

- aderir a efetivas possibilidades de comunicação no âmbito das práticas sociais e discursivas de interação e de, consequente, construção dialógica de sentidos;
- difundir discursos ideologicamente situados vinculados a diferentes campos da atividade humana, “[...] dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, [...]” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 29); e
- assumir a função discursiva de signo ideológico que, conforme Xavier (2020): em Bakhtin, a diferenciação entre enunciado e oração recai na seguinte assertiva – o enunciado está para a vida verboideológica da linguagem, para as escolhas não aleatórias de palavras, gerando, dialogicamente, discursos; a oração é uma unidade da língua, é um pensamento, relativamente, acabado, não mantendo elos com o contexto extraverbal.

Já em Volóchinov (2017 [1929]), a diferenciação entre signo e sinal se sustenta por compreender a seguinte proposição – o signo vai ao encontro das vivências dialógicas e discursivas da palavra preenchida pelas ideologias; o sinal não pertence ao domínio das ideologias, é imutável, é técnico e sistemático. Por conseguinte, o sinal promove a identificação de sentido e o signo a compreensão descodificada da forma

linguística, a apreensão da palavra em contexto específico de atuação discursiva e orientada por forças de unificação/centralização (centrípetas) e de descentralização/separação (centrífugas) do mundo verboideológico. O signo permite a construção dialógico-discursiva de sentidos.

Dentro dessa perspectiva, o enunciado concreto “[...] é um todo formado pela parte material (verbal e visual) e pelos contextos de produção, de circulação e de recepção. Isso significa que o processo e o produto da enunciação são constitutivos do enunciado.” (Silva, 2013, p. 49).

Tomando como referência a visão de enunciado como um todo formado pela parte material (linguagens verbal e não verbal) e situação de orientação social, é oportuno, ainda, salientar que pensar em enunciados concretos corresponde a lê-los como unidade de significação necessariamente contextualizada. Corresponde, então, a considerar o uso da linguagem vinculado a acontecimentos de enunciação.

De acordo com Dantas, Xavier e Rosas de Araújo (2020), o conceito de enunciado concreto não se encontra pronto e acabado em uma determinada obra ou em um determinado texto do Círculo de Bakhtin. O seu sentido e suas particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto das obras, indissociavelmente implicados em outras noções.

Construídos na corrente do tempo e historicamente situados, os enunciados são práticas sociais realizadas na interação entre falantes no curso da vida, portanto concretos. Assim, o enunciado é o resultado de uma prática social; e essa prática é a enunciação, cuja estrutura é determinada pela situação social mais imediata e o meio social mais amplo a partir do seu próprio interior. (Dantas; Xavier; Rosas de Araújo, 2020, p. 23).

Assim, nos liames da Teoria Dialógica da Linguagem, os enunciados concretos são unidades da comunicação discursiva e elos da cadeia complexa de outros enunciados. Nesses termos, admitem, em sua essência, relações dialógicas com os enunciados que os precederam e com os que lhe sucedem e são voltados para o outro – eis o que demarca o princípio dialógico da linguagem.

As principais características do enunciado concreto, segundo Bakhtin (2016 [1952-1953]), são: tem contato direto com a realidade, assim como relação com outros enunciados; propicia uma atitude responsiva por parte do outro e é delimitado pela alternância dos sujeitos sociais no discurso.

Na visão bakhtiniana, o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, isto é, todo enunciado está em constante diálogo com outros enunciados; tanto com os que o antecedem quanto com os que o sucedem, em uma corrente complexa e organizada por outros enunciados.

Convocamos o pensamento do próprio Bakhtin (2010 [1920-1924]), para quem cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto, antes de tudo, como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de uma discussão teórica, acreditamos que este artigo funcionou como uma possibilidade de dialogar sobre a Teoria Dialógica da Linguagem (de Bakhtin e o Círculo) especificamente no que toca:

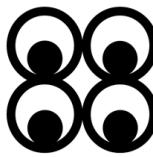
1) à compreensão da linguagem como um fenômeno de interação discursiva, isto é, uma prática orientada para o outro, como também, para a vida verboideológica; e

2) ao reconhecimento da concepção de interação como um terreno fecundo para se estudar o exercício de ler e de responder a enunciados filiados aos mais diferentes campos da comunicação discursiva.

Ainda como arremate da discussão empreendida neste artigo, acentuamos que pensar em interação discursiva corresponde a ler os processos de comunicação como o encontro entre enunciados convocados por sujeitos sociais que se filiam ao fluxo dos mais variados campos da comunicação discursiva; e a noção de enunciação convoca o sentido de situação comunicativa contextualmente localizada no âmbito da história, isto é, do tempo e do espaço social, o que implica dizer que todo enunciado possui uma orientação social, toda palavra quer ser ouvida/lida e respondida.

Em suma, concordamos com Xavier (2023), para quem, com veemência, é necessário compreendermos, então, que, simplesmente, a vida social vive; e vive na interação discursiva. E que venham, cada vez mais, processos reais e efetivos de interações discursivas de base dialógica por natureza.

REFERÊNCIAS



BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso.** Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016 [1952-1953].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Teoria do romance I:** a estilística. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015 [1930].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal.** Tradução do russo de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1919-1974].

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In.: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012, p. 61-78.

BRAIT, Beth. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In.: FIGARO, R. (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 79-98.

BRAIT, Beth. **Ironia:** em perspectiva polifônica. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade:** em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 2004.

DANTAS, Aloísio de Medeiros; XAVIER, Manassés Morais; ROSAS DE ARAÚJO, Patrícia Silva. Os gêneros do discurso: (re)visitando conceitos. In.: SOUZA, Fábio Marques de; CAMARGO JUNIOR, Ivo Di; XAVIER, Manassés Morais Xavier. (Orgs.). **Dossiê Círculo de Bakhtin:** diálogos e aplicações. São Paulo: Mentes Abertas, 2020, p. 09-24.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ROTTAVA, L. A perspectiva dialógica na construção de sentidos em leitura e escrita. **Linguagem & Ensino**, Vol. 2, Num. 2, 1999, p. 145-160.

SILVA, Adriana Pucci Penteado de Faria e. Bakhtin. In.: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org.). **Estudos do discurso:** perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola, 2013, p. 45-69.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero:* as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado. In.: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização,

tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1930], p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017 [1929].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In.: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios.** Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013 [1926], p. 71-100.

XAVIER, Manassés Moraes; ALMEIDA, Maria de Fátima. Redes sociais, linguagem e interação discursiva. In.: XAVIER, Manassés Moraes. (Org.). **Linguística Contemporânea:** estudos sobre discursos, cultura digital e ensino. São Paulo: Mentes Abertas, 2020, p. 183-197.

XAVIER, Manassés Moraes. **As redes sociais digitais como acontecimentos enunciativos de interações discursivas.** São Paulo: Mentes Abertas, 2023.

XAVIER, Manassés Moraes. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva.** São Paulo: Mentes Abertas; Campina Grande: EDUFCG, 2020.

Submetido em: 30/11/2025

Aceito em: 16/12/2025